



**O CAMINHO DO AMAR COMO FUNDAMENTO DO EDUCAR
THE PATH OF LOVE AS A FUNDAMENT OF EDUCATING
EL CAMINO DEL AMAR COMO FUNDAMENTO DE LA EDUCACIÓN**

Valdo Barcelos¹
Maria Aparecida Azzolin²

RESUMO

Esse texto tem como objetivo refletir sobre os fundamentos da educação a partir do Caminho do Amar, proposições de Humberto Maturana e Ximena Dávila. Buscamos demonstrar os meios para educar as crianças para o amar, na democracia, na generosidade e na ética social. Vivemos numa sociedade onde a cultura patriarcal vigora. A competição e o culto à aparência acontecem desde muito cedo na vida dos seres humanos, gerando conflitos e adoecimentos. O Caminho do Amar busca o viver sem exigências e expectativas, viver o presente, em harmonia conosco e com os outros seres vivos da natureza. Viver no bem-estar. Trazemos essa proposta para o ambiente educacional por acreditarmos que a educação é a transformação na convivência. Assim, o ato de educar deve ter como fundamento a alegria, a descontração, a interação e a liberdade, e isso só é possível se a função da escola for orientada pela emoção do amar.

Palavras-chave: Emoção do amar. Caminho do amar. Humberto Maturana. Educar e amar.

ABSTRACT

This article has as its goal to reflect on the fundamentals of education from the Path of Love, propositions from Humberto Maturana and Ximena Dávila. We seek to demonstrate the means to educate children to love, in democracy, in generosity and in social ethics. We live in a society commanded by the patriarchal culture. The competition and the cult of the appearance are developed since such a young age in the lives of human beings, generating conflicts and illnesses. The Path of Love, seeks the living without demands and expectations, living the present, and in harmony with oneself and with other human beings of nature. To live in well-being. We bring this proposal to the educational environment, with the belief that education is transformation through coexistence. Therefore, the act of educating must have as its fundamentals joy, relaxation, interaction and freedom, and that is only possible if the function of the school is guided by the emotion of love.

¹Prof. TITULAR – UFSM, PhD em Antropofagia Cultural Brasileira, Pesq. Prod. 1 – CNPQ, Pesquisador Visitante Universidade/COIMBRA-Portugal, Professor Conferencista convidado Instituto PIAGET-Viseu-Portugal, Pesquisador/Professor Visitante INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia), Membro da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências - ALPAS - 21 - Cadeira Paulo Freire, Membro da Academia Santa Mariense de Letras-ASL - Cadeira Cyro Martins, Membro da Casa do Poeta de Santa Maria-CAPOSM, Consultor MEC/UNESCO - MEC/MMA - CYTED - INPA – MCT, Membro Anistia Internacional BRASIL (1972), Coordenado do Núcleo CONVERSAR: Biologia-cultural, Educação, Sustentabilidade e Transformação Humana-CNPq-UFSM.)

²Doutora em Educação – UFSM, Mestra em Educação Unipampa (Jaguarão), Graduada em Pedagogia e em História, Psicanalista (ABRAPSÍ), Vice Líder do Núcleo CONVERSAR: Biologia-cultural, Educação, Sustentabilidade e Transformação Humana CNPq-UFSM. Professora

Key-words: Emotion of love. Path of love. Humberto Maturana. Educate and love.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo reflexionar sobre los fundamentos de la educación del Camino del Amar, propuestas de Humberto Maturana y Ximena Dávila. Buscamos demostrar los medios para educar a los niños para el amar, en la democracia, en la generosidad y en la ética social. Vivimos en una sociedad donde prevalece la cultura patriarcal. La competencia y el culto a la apariencia ocurren desde muy temprano en la vida de los seres humanos, generando conflictos y enfermedades. Camino del Amar, busca vivir sin exigencias y expectativas, vivir en el presente, en armonía con nosotros mismos y con otros seres vivos de la naturaleza. Vivir en bien estar. Llevamos esta propuesta al entorno educativo, ya que creemos que la educación es la transformación en la convivencia. Por lo tanto, el acto de educar debe basarse en la alegría, en la relajación, en la interacción y en la libertad, y esto sólo es posible si la función de la escuela fuere guiada por la emoción del amar.

Palabras clave: Emoción del amar. Camino del amar. Humberto Maturana. Educar y amar.

INTRODUÇÃO

Esse texto tem como objetivo fazer uma reflexão³ teórico-epistemológica sobre os fundamentos da educação a partir do Caminho do Amar, proposições de Humberto Maturana⁴ e Ximena Dávila⁵. Buscamos demonstrar os meios para educar as crianças no/para o amar, na democracia, na generosidade e na ética social.

Como seres humanos, construímo-nos a partir das relações que acontecem no processo do conversar⁶. Como uma decorrência disso, a história individual de todo ser humano é uma *epigênese* que se faz no viver/conviver humano. Para Maturana, “toda história individual humana é a transformação de uma estrutura inicial hominídea fundadora, de maneira contingente com uma história particular de interações que se dá constitutivamente no espaço

³ A reflexão e a ação de refletir, são tomados, aqui, em consonância com o que propõe Humberto Maturana (2016), como processos que não se limitam ao pensar, ao raciocinar, mas sim buscar agir de modo a perceber, a entender os sentidos da própria existência como ser humano e realizar a natureza amorosa que nos funda. A reflexão predis põe a mudança de opinião; se não estiver predisposto a mudança de pensamento, não há possibilidade da reflexão.

⁴ Humberto Maturana Romesín, pensador latino-americano de nacionalidade chilena. Nascido no ano de 1928. Estudou medicina na Universidade do Chile. Doutorou-se em biologia pela universidade de Harvard (EUA). Professor Titular da Faculdade de Ciências da Universidade do Chile. Professor na Universidade Metropolitana de Ciências da Educação no Chile. Professor no Instituto de Terapia Familiar de Santiago-Chile. Professor convidado de várias universidades mundiais. Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Livre de Bruxelas. É reconhecido como um dos maiores pesquisadores atuais sobre a Biologia do conhecer sobre a Biologia do amar.

⁵ Ximena DávilaYañez, Bióloga-Cultural, Co-fundadora, com Humberto Maturana, do Instituto Matríztico – Santiago do Chile. Estudou Orientação em Relações Humanas e Família, com ênfase nas Relações do Trabalho. Criou o campo reflexivo operacional que chamou de *Conversar Libertador*. Co-criadora, com Humberto Maturana, das proposições da Biologia-Cultural.

⁶ A expressão *conversar*, aqui empregada, é no sentido que Humberto Maturana (2004) dá para a mesma. Segundo esse autor, a existência humana acontece no processo relacional do *conversar*. Nosso ser biológico, como humanos, se constrói na imersão do ato de *conversar*. *Conversar* é, para Maturana, o entrelaçamento entre o racional e o emocional no processo da linguagem. Ou dizendo de outra forma: *Conversar*, como dar voltas com o outro para se entender.

humano” (MATURANA,1999, p.28). Aprendemos com os outros, na interação, no contato, no toque, no olhar. Assim, para se educar, é necessário criar um espaço de convivência com a criança, em que adultos e crianças se aceitem mutuamente, percebendo a legitimidade do outro, ambos se transformando na convivência. Dessa forma, a criança aprenderá não como algo externo, mas como um modo de ser no viver: aprende-se amar, amando; aprende-se a odiar, odiando; aprende-se a ser agressivo, sendo tratado com agressividade e, assim, por diante. Aprendemos na relação estabelecida com o outro.

Maturana e Dávila (2009, 2016, 2019) reafirmam a importância da emoção do amor em nossa constituição como seres biológicos-culturais⁷. Para eles, a emoção que estrutura a coexistência social é a emoção do amor, ou seja, “o domínio das ações que constituem o outro como um legítimo outro em coexistência. E nós, humanos, nos tornamos seres sociais desde nossa primeira infância, na intimidade da coexistência social com nossas mães”. (MATURANA, 2004, p.45). No entanto, para entendermos as emoções do outro, precisamos observar suas ações. Essa observação deve ser livre de julgamentos e preconceitos. Como humanos, existimos no entrelaçamento de emoção e razão, ou seja: todo o sistema racional tem um fundamento emocional, pois as relações humanas dão-se por meio da emoção e não da razão. Para pensarmos numa transformação social, precisamos mudar a cultura em que vivemos, e isso só é possível quando mudamos a emoção nas redes de conversações que estabelecemos no fluir de nosso viver. Quando falamos em biologia, estamos falando de um domínio de observação, de explicação e de reflexão sobre o viver dos seres vivos. A Biologia do Amar se refere ao entendimento de que o amor é a emoção que fundamenta o social. Se desejamos que nossas crianças sejam adultos generosos, éticos e conscientes de si e do outro, precisamos ser dessa forma, tanto como pais, ou como professores. Se desejamos educar no Caminho do Amar, precisamos ter consciência de nossa responsabilidade e agir de acordo com o nosso desejo. Maturana (2004) é enfático ao afirmar que precisamos viver o que desejamos alcançar.

O CAMINHO DO AMAR NO FLUIR DO VIVER

Pensamos que o viver ao qual a noção do tao nos convida é o viver fundamental do viver do ser vivo em sua natureza biológica que se dá na existência no existir num presente cambiante contínuo” (MATURANA,

⁷Somos seres biológicos. Tudo o que nos acontece, acontece em nossa biologia. E culturais, porque conservamos, geração após geração, modos de ser e conviver em sociedade. Biologia-cultural é o entrelaçamento do biológico com o modo de viver dos seres humanos através da linguagem. Proposição criada por Humberto Maturana e Ximena Dávila.

DÁVILA, 2009, p. 59)

A Biologia do Tao ou o Caminho do Amar busca o viver sem expectativas, viver o momento presente, em equilíbrio e harmonia conosco e com os outros seres da natureza. Para Maturana e Dávila, isso é “um convite a um viver no bem-estar psíquico e corporal, um viver sem esforço na unidade de toda a existência no fazer que surge do ver o presente quando não há preconceito ou expectativa” (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 59). É perceber a vida como um constante fluir, leve e sem esforço. Como algo que apenas acontece. Para os autores, seguir o Caminho do Amar faz com que se mude a perspectiva do olhar sobre as perguntas acerca da nossa existência. O pensamento filosófico tradicional persegue verdades absolutas e questões sobre o ser em si, cuja pergunta fundante é: Quem sou eu? Os autores explicam que, “desde o seu início, o pensar filosófico ocidental segue o caminho da pergunta pelo ser, pergunta esta que parece possível de responder a partir do pensar místico-espiritual-religioso que vê um fundamento transcendente para a transitoriedade do ocorrer do suceder em tudo que existe” (2009, p. 61). O Caminho do Amar, ou Caminho do Tao é uma nova forma de perceber o viver e o conviver, cuja pergunta básica é “Como nós, seres humanos, fazemos o que fazemos? E complementam dizendo que “a experiência do Tao não tem a ver com o que se vive, e sim com como se vive o que se vive”. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 63). O viver no Caminho do amar é viver e conviver no presente, não ignorando o passado, mas deixando-o onde está, ou seja, como algo que já aconteceu e não volta mais. É perceber que o futuro é apenas uma possibilidade, ele não existe. Só temos o presente que muda a cada instante ao vivê-lo. “O presente é o próprio suceder do viver. O presente é o ocorrer no ocorrer, o que sucede no fluir do suceder. (MATURANA, DÁVILA, 2009, p. 64). Os autores dão o exemplo dos animais que vivem fora do linguajar⁸. Vivem o presente sem reflexões, saudades e expectativas, assim não há frustrações, nem tristezas. As expectativas nunca se cumprem, sempre levam a dor, causando o mal-estar. Os animais apenas vivem. Isso não quer dizer que nós devamos viver sem reflexões, pois essas fazem parte da nossa condição de ser linguajeantes. Contudo, para alcançarmos o Caminho do Tao, ou o Caminho do Amar, precisamos aprender a viver no presente. Viver percebendo que a vida é um constante fluir; é espontâneo.

A partir desse entendimento, conclui-se que somos seres dependentes fisiologicamente do amor⁹. Quando esse nos é negado, adoecemos. Nosso sistema fisiológico funciona em

⁸O entrelaçamento do emocionar, com a linguagem.

⁹Amor não é um fenômeno eventual, mas uma condição básica e cotidiana que define as relações entre os humanos. Amar é uma atitude em que se aceita o outro de forma incondicional e não se exige ou se espera nada como

harmonia e, quando esta harmonia se rompe, padecemos.

A criança necessita crescer no amor para aprender a amar. Precisa crescer na aceitação de sua legitimidade para aprender a se aceitar e aceitar o outro. Precisa crescer no respeito por si para aprender a respeitar o outro. Uma escola construída no Caminho do Amar, o educar é um processo fácil, porque flui, não havendo conflitos entre o ser e o fazer. Cada criança aprende a amar e respeitar quando é amada e respeitada por seus educadores(as). Em uma escola assim, crianças, adolescentes e adultosco-inspiram-see vivem e convivem no amar.

O SER CRIANÇA E O BRINCAR COMO FUNDAMENTO DA INFÂNCIA

A criança expressa-se brincando, seja para o mundo, para os outros e para si mesma, portanto não é tão importante se a criança ao brincar imita, simboliza ou inventa coisas. O que importa é o que ela está dizendo, expressando com seu brincar. E ao expressar ela dá sentido ao que faz” (KUNZ (org), 2017, p. 16).

A palavra Infância provém da palavra latina *Infantia* e significa não falante, ou seja, aquele que não adquiriu condições próprias para a fala. O conceito de infância foi evoluindo com o passar dos séculos. Até o século XII, a infância não era representada nas iconografias deste período. Somente a partir do século XIII, surgiram algumas representações de crianças com suas especificidades, mas, mesmo assim, ainda sendo um adulto em miniatura. Segundo Philippe Ariès (1986, p. 53), as crianças eram representadas como anjos, ou como o menino Jesus ou a Virgem Maria menina, ainda não representando a realidade desta fase do desenvolvimento humano. Nos séculos XV e XVI, surgiu o conceito de infância como uma fase “engraçadinha”, pitoresca. No século XIX, começou a surgir a ideia de infância que temos hoje, mas, mesmo assim, como algo separado da vida dos adultos.

O pedagogo Jorge Larrosa (2000, p. 183) faz a seguinte provocação: “As crianças, esses seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua”. Que seres são esses que começaram a ser percebidos como seres pensantes, mas diferentes dos adultos, com especificidades em cada fase do desenvolvimento, que precisa ser cuidada e protegida em sua integralidade? No Brasil, a criança começa a ser vista como um ser de direitos

recompensa. Amar implica ocupar-se do bem-estar do outro e do meio ambiente. Em vez de oferecer instruções do que e como fazer, amar é respeitar o espaço do outro para que ele exista em plenitude. O amor é a emoção fundamental que tornou possível a história da humanidade. Ele determina as condutas humanas, que, por sua vez, tecem o convívio social, entendendo aqui emoção não como um sentimento, mas como formas de relacionamento. O amor nos dá a possibilidade de compartilhar a vida e o prazer de viver experiências com outras pessoas. Essa dinâmica relacional está na origem da vida humana e determinou o surgimento da linguagem, responsável pelos laços de comunicação no viver e conviver.

a partir da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), mas, somente em 1990, com a Lei 8.069, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), é que essa busca pela integralidade protetiva foi efetivamente tornada lei. No entanto, percebemos que a lei existe, mas ainda muitas crianças são violentadas física e afetivamente. A violência contra as crianças ronda os lares. Pode se manifestar no desrespeito com seus desejos e anseios, castigos, fome, proibição ou inibição do ato de brincar, excesso de atividades, preocupação excessiva com o futuro.

Para Maturana e Verden-Zöllner (2004), a criança, como um ser biológico e cultural, aprende a ser e a conviver com o mundo ao seu redor, principalmente, por meio da interação materno-infantil. Ainda, as “consciências individual e social da criança surgem mediante suas interações corporais com a mãe, numa dinâmica de total aceitação mútua na intimidade do brincar” (MATURANA; VERDEN ZÖLLNER, 2004, p. 124). O adulto, hoje, é o resultado do entrelaçamento das histórias, atos e condutas que viveu desde sua infância. Uma criança que viveu na negação, que não teve uma relação corporal íntima com sua mãe ou pai não terá um desenvolvimento social bem integrado. É no processo de viver/conviver com os outros, desde o momento do nascimento, que aprendemos a ser o que somos. Essa interação dá-se a partir do convívio com os adultos através do conversar. Dessa forma, para os autores “não se ensina às crianças o espaço psíquico de sua cultura – elas se formam neste espaço” (MATURANA; VERDEN ZÖLLNER, 2004, p. 23). Uma cultura não é algo que se possa ensinar. A cultura é algo vivido e não ensinado. Para Maturana (1999), a mãe não ensina para seus filhos e filhas a sua cultura. Contudo, a criança, no estar junto, vive a cultura de sua mãe e, assim, aprende o modo de fazer e de se emocionar de sua mãe. É a partir dessa forma de perceber que se pode afirmar que as crianças serão, quando adultas, muito parecidos com os adultos com os quais elas convivem.

Com muita frequência, deparamo-nos, nas escolas, com crianças com dificuldades de aprendizagem ou de relacionamento. Percebemos que, em algum momento do desenvolvimento infantil, essas crianças viveram na negação, no conflito, não foram legitimadas como ser único, não foram respeitadas e acolhidas. Nas palavras de Maturana: “A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com o mesmo comportamento, vivendo como um ser com responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba” (MATURANA; VERDEN ZÖLLNER, 2004, p. 20). É tendo essa compreensão como orientação epistemológica que, para Maturana (2000), o papel da educação e da escola é criar espaços de aprendizagem que facilitem e incentivem o crescimento das

crianças como seres humanos que respeitam a si próprios e os outros com consciência social e ecológica. Será assim que poderão adquirir e/ou desenvolver a noção de responsabilidade para agirem de modo cooperativo, solidário e com liberdade na comunidade a que pertencem.

O brincar é toda a atividade que dá prazer, realizada no presente, sem objetivo algum. Brinca-se na total entrega, no momento presente, na total aceitação do outro. Brincar é toque, é respiração, é coração batendo, é cantar, é dançar, sorrir, fantasiar. Viver o momento intensamente. O brincar é algo natural para os animais, é só observarmos filhotes de gatos e cachorros, eles brincam o tempo inteiro. E os animais humanos desaprendem o que já nasceram prontos para fazer: o brincar.

As crianças, no fluir de seu viver, necessitam descobrir o mundo, interagir com este mundo. Precisam, além do alimento para o corpo, serem vistas, serem ouvidas, serem acarinhadas. Isso é possível a partir do brincar, do toque, do corpo a corpo. Quando a criança é impossibilitada de brincar, não descobre por si mesmo os seus caminhos. A criança desde que nasce torna-se um projeto dos pais. Precisa aprender inglês, informática, natação, artes... e assim vai a lista imensa de compromissos e metas a serem atingidas. Só não sobra tempo para a criança ser criança. Essa falta causa danos incomensuráveis no ser em desenvolvimento, como: crianças chegando à escola sem saber correr; crianças sendo rotuladas de “hiperativas” e com déficit de atenção. Para resolver este problema, as crianças acabam sendo medicadas desde muito pequenas.

Brincar é alegria. Descontração. Interação. Liberdade. Corpo que sente, que fala, que vê. Que se expressa. A criança possui a capacidade de contemplação do belo, do se emocionar. Sente com o corpo todo. A criança expressa o que sente, dramatiza, gesticula, faz mímicas. A criança vive numa eterna Pantomima. Seu corpo não tem limitações. Nós, os adultos, reprimimos nosso corpo e nosso sentir. Aprendemos ser assim, ou melhor, desaprendemos a espontaneidade ao longo dos anos. O prazer na brincadeira consiste em fazer, o que faz de forma leve, sem esforço, sem exigências. Isso é possível quando se brinca na “inocência de simplesmente ser o que é, no instante em que se é” (MATURANA, 2005, p. 269). As crianças estão totalmente abertas para as descobertas, para o novo, para as aprendizagens. As noções de democracia, amor, ética, respeito a si e aos outros são facilmente desenvolvidas. Somos frutos do amor. Nascermos para amar. O ódio, a inveja, a competição são aprendidas no meio onde a criança está inserida. No entanto, cada vez mais, exigimos que as crianças sejam perfeitas, que não cometam falhas, e, muitas vezes, são castigadas por não atingirem este “padrão de perfeição”. Somos seres falíveis. Portanto, crescer nesse meio de cobrança faz com que nos

tornemos adultos infelizes e eternamente angustiados, ansiosos e, até mesmo, depressivos.

Criança precisa brincar! Desejamos que todas as crianças tenham o direito de ser como são e que sua potência criadora seja valorada e não diagnosticada e medicada. Que o aprender na escola seja sinônimo da alegria e que seja indissociável ao ato de brincar. Que cada criança possa construir castelos na imaginação e sonhar com animais feitos de nuvens de algodão. Sonhamos que as escolas sejam ambientes calorosos e amorosos, cuja principal norma, talvez a única, seja ter a possibilidade de desenvolver-se no seu ritmo, sem réguas e medidores, sendo feliz!

CONCLUSÃO QUE NÃO FINALIZA O ASSUNTO...

Acreditamos que a escola pode e deve ser um lugar de encantamento, em que o brincar faça parte da aprendizagem, sem cobranças e exigências. Que a troca e o acolhimento sejam vividos diariamente. Onde os sonhos ganham vida e a imaginação faça parte do fazer diário. Onde cada um, professores(as) e alunos(as), possam se expressar livremente, sem engessamento e amarras, sendo o que se é. Uma relação que Maturana e Dávila (2019) denominam de “deixar o outro aparecer”. Esse deixar o outro aparecer é um modo de estar no conviver sem exigências, sem expectativas sobre si mesmo e sobre o mundo que vive. Isso não é nada fácil numa cultura de competição na qual se busca ser dono da verdade, minha verdade, que me daria poder na obediência dos outros e que, como me dá poder, não estou disposto a abrir mão dela. O deixar aparecer não é uma visão que se dá desde uma teoria, doutrina ou ideologia. É um encontro em que se vê a legitimidade do que existe. Não vemos sem deixar aparecer e o deixar aparecer é aquilo ao que nos referimos quando falamos de amar. Qualquer criança percebe quando não a estão deixando aparecer e reclama: “professor(a) eu quero falar...eu quero brincar...”. Humberto Maturana, em entrevista ao pesquisador BenhardPörksen, fala sobre o que ele faria se as pessoas não quisessem ouvi-lo,

Que passaria? Pero si eso es legítimo. A veces digo em alguna de mis conferencias que yo le agregue três derechos al catálogo de los derechos humanos de las Naciones Unidas. Defiendo el derecho a cometer errores, el derecho a cambiar de opinión, y el derecho a abandonar la sala em cualquier momento. Porque el que puede cometer errores puede corregirse. El que tiene derecho a cambiar de opinión puede reflexionar. Y el que tiene la posibilidad de elevarse, si queda, es por supropiavoluntad. (MATURANA, PÖRKSEN, 2004a, p.63).

Os três direitos defendidos por este sábio pesquisador resumem a escola que acreditamos ser possível: errar faz parte. Fazer qualquer atividade maçante por obrigação não produz conhecimento. O aluno vomita o que foi ingerido à força. Mudar de opinião sempre que quiser, a todo momento, se assim desejar. Se apegar a verdades absolutas gera fanatismo, conflitos e guerras. Ter a liberdade de ir-se e buscar algo que lhe agrada os sentidos. Todos esses pressupostos deveriam ser a base de qualquer instituição de ensino. Liberdade, autonomia, espontaneidade, criatividade, sensibilidade imaginação e emoção sempre presente.

Vivemos numa sociedade onde a cultura patriarcal¹⁰ vigora. A competição e o culto à aparência acontecem desde muito cedo na vida dos seres humanos. Não raro, nas rodas de conversas entre mães, cada qual deseja que seu filho seja o melhor. Que aprenda a usar a fala antes dos outros, que caminhe mais cedo, que vá para a escola e aprenda a ler antes dos outros. A criança aprende desde cedo a competir, a buscar ser o melhor, negando o outro. Deixa de crescer na aceitação de si e do outro, fundamental para a vida individual e social consciente e bem integrada. A competição, a inveja, o ciúme, a agressividade são aprendidas na convivência com os adultos. Para que a criança cresça e se desenvolva em plenitude, é preciso viver no amor. Na aceitação legítima. Só assim é possível ter saúde espiritual e fisiológica.

Maturana e Simanisis de Rezepka, no livro *Formação Humana e Capacitação* (2000), abordam a diferença entre formação humana e capacitação. A formação humana é saber viver aceitando-se e aceitando os outros na convivência colaborativa. Capacitação é a ampliação das competências e habilidades. A tarefa principal da escola deveria ser a formação humana, em

¹⁰A cultura patriarcal, segundo Maturana, é um modo de vida que se originou fora da Europa. É um viver cultural mantido por grupos humanos vindos da Ásia. Grupos Indo-europeus chamados de Kurgans. Grupos pastores/cavaleiros/guerreiros. Viviam em torno do controle, da dominação, do uso da violência e do guerrear, desde as fases mais remotas da história. Desse modo de viver histórico surge a desconfiança. Desse desconfiar, nas condições ambientais materiais para sobreviver, passa-se a viver uma desconfiança que passa culturalmente às outras gerações. Nessa desconfiança e medo, começa uma mudança cultural, com fazeres guiados no medo mórbido e na desconfiança reiteradamente mantida. Esses modos de viver são incorporados pelos humanos, que passam a guiar o seu viver fora da confiança básica de seres vivos, num viver cultural que nega a biologia do amar. Esse viver patriarcal/matriarcal, até hoje, se manifesta com nosso fazer/sentir. Vivemos em torno do controle, da apropriação, da competição, da dominação. Entretanto, nesse contexto de relações vividas no patriarcado/matriarcado, surgiram os desejos em torno da Democracia e da cidadania. Pois, embora o patriarcado/matriarcado seja central na nossa vida adulta de hoje, nascemos e crescemos na ternura e no calor materno durante os primeiros anos de vida. Essa maneira de viver na ternura e no amar ainda se mantém dentro do patriarcado em que vivemos, como um viver cultural que conserva nossa biologia do amar. Os nossos desejos de adultos por um conviver democrático afloram em nós com sinceridade, na medida em que aprendemos sobre a biologia do amar nesse conviver sem exigências, vivido de modo que aprendemos a sentir-nos vistos/escutados/respeitados. Está, nesse conviver, a origem dos nossos sentimentos sinceros em torno da Democracia, como modos de viver/conviver a equanimidade para fazer a equidade nas comunidades humanas. Para ler mais, ver: *Habitar Humano*. Humberto Maturana & Ximena Dávila. Palas Athena, 2009. MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, *Amar e Brincar – fundamentos esquecidos do humano*. Palas Athena, 2004.

que os alunos percebam que fazem parte do todo, um só com o cosmo. É por meio da formação humana que isso é possível, “já que só se esta se completar é que a criança poderá viver como um ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre sua atividade e seu refletir, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de possuir um comportamento ético”. (MATURANA, REZEPKA, 2000, p. 11). A capacitação é um dos instrumentos do processo educativo, não deve ser o processo educativo, “uma criança que cresce no respeito por si mesma pode aprender qualquer coisa e adquirir qualquer habilidade se desejar” (ibidem, p.12). Focamos tanto em capacitação que os alunos se tornam meros receptáculos de informações. Quanto mais cheios de conteúdo, melhor. Ainda trabalhamos com memorização e cópias de livros em pleno século XXI. Uma escola em que sua essência seja construída na emoção do amar requer que o “olhar do professor ou da professora em sua relação com as crianças não deve dirigir-se ao resultado do processo educacional, mas ao acolhimento da criança em sua legitimidade, embora o professor atue consciente do que espera que a criança aprenda” (MATURANA, REZEPKA, 2000, p. 13).

Acreditamos que a escola deve ser um lugar de sonhos, de imaginação e de livre pensar. Sem competições. Sem castigos. Onde professor e aluno cresçam e aprendam juntos. Onde cada um possa ser o que se é. Onde o erro é só mais uma forma de aprender. Freire diz que: “Una de las buenas qualidades de un professor, de una profesora, es dar les testimonio a lós alumnos de que la ignorância es el punto de partida de la sabiduria, que equivocarse no es un pecado, sino que forma parte del proceso de conocer y que el error es un momento de la búsqueda del saber. (FREIRE, 2003, p. 65). Educação construída, a partir do medo de errar e reprovar, já sabemos que não dá certo. Se tivesse dado certo, não teríamos tantos problemas sociais e emocionais. Tantas pessoas frustradas, doentes e infelizes, na contemporaneidade.

Ao refletir sobre o ato de educar, pensamos que a maioria das escolas que conhecemos separa a vida da escola. As crianças vão sem motivação. Vão porque têm que ir. São obrigadas pelos seus pais e por uma legislação que diz que tem que ir. Não são só os alunos desmotivados. Professores também. O número de adoecimento laboral cada vez cresce mais. Há uma coisa muito errada nisso tudo. Escola é vida, para a vida. Deveria ser lugar de barulho, alegria, empolgação e, conseqüentemente, de aprendizagem. Alunos e professores adoecendo é sinal que os fundamentos da escola estão equivocados. Discute-se tanto sobre metodologia e didática, mas, o principal, que são as relações estabelecidas neste processo, ficam em segundo plano. Se a função da escola é só a aprendizagem de conteúdo, poderemos, nós professores, ser facilmente substituídos por computadores. Simples e triste assim. Escola é vida pulsante. Escola é alegria.

Escola é olhar no olho. Escola é escutar e ver o outro. Escola é deixar o outro aparecer. Escola é conhecer-se e conhecer o outro e, assim, conhecer o mundo. Escola é liberdade de ser e buscar ser o que quiser ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio De Janeiro: Editora Guanabara S.A. 1986.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm, Acesso: 10/07/2020. BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso: 10/07/2020.
- FREIRE, P. **El grito manso**. Buenos Aires. Siglo veintiuno, 2003.
- KUNZ, E. (org.). **Brincar e se-movimentar. Tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: Editora Unijuí, 2017.
- LARROSA, J. **Pedagogia Profana. Dança, pirueta e mascarada**. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000
- MATURANA, H.; PÖRKSEN, B. **Del Ser al Hacer**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2004.
- MATURANA. H. DÁVILA, X. **El arboldelvivir**. Chile: MVP editores, 2016.
- MATURANA. H. **El sentido de lo humano**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2005.
- MATURANA. H. DÁVILA, X. **Habitar Humano: Em seis ensaios de Biologia-Cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999 .
- MATURANA, H.; REZEPKA.S.N de. **Formação Humana e Capacitação**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- MATURANA, H; VERDEN-ZÖLLER. **Amar e Brincar. Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena. 2004.
- MATURANA, H; **La democracia es una obra de arte**. Colômbia: Cooperativa Editorial Magistério, 1994.
- MATURANA. H. DÁVILA, X. **Historia de nuestro vivir cotidiano**. Chile: PAIDÓS, 2019.